

Entrevista com António Carlos Cortez, poeta e crítico

Marleide Anchieta de Lima

UFF

Rosimar Araújo Silva

UFF/SEEDUC-RJ

António Carlos Cortez (Lisboa, 1976) é poeta, ensaísta literário português e professor de Língua e Literatura Portuguesa no Colégio Moderno (Lisboa). Além disso, dedica-se à crítica de poesia no *Jornal de Letras* e nas revistas *Colóquio/Letras* e *Relâmpago*. Já conta com sete livros publicados, o último dos quais *O nome negro* (Relógio d'Água), de 2013, mas foi com *Depois de dezembro* (2010) que obteve o Prémio da Sociedade Portuguesa de Autores / RTP.

Marleide Anchieta/Rosimar Araújo: Poderia nos falar sobre como surgiu sua relação com a literatura, especificamente a poesia? Como aconteceu seu processo de escrita? De que modo aproxima a chama e o cristal na materialização de seus poemas?

António Carlos Cortez: A minha relação com a literatura surgiu cedo. Por volta dos meus sete anos, quando frequentava a escola primária, contactei, para maravilhamento meu, com um poema de David Mourão-Ferreira, cuja musicalidade me fascinou. Esse texto estava inserto no manual adoptado, num tempo, creio, em que havia uma preocupação por dar aos alunos, desde a mais tenra idade, algum contacto com a poesia portuguesa. De facto, em 1982 tinham apenas passado sete anos desde 1974... Havia alguma preocupação pedagógica, literária no ensino do Português.

Pois bem, intitula-se, esse poema, «Maria Lisboa» e foi interpretado por Amália Rodrigues, celebrizando-o como fado. Não tinha, evidentemente, quaisquer ideias sobre a poesia como ofício, mas os ritmos, certa mnemônica e determinadas metáforas, isso conduziu-me à leitura de poesia, desde novo. Mereceu, esse poema de David, uma resposta minha, um textinho muito tosco, procurando a rima, o apuro métrico... Sem resultado. Depois, já nos inícios da adolescência, contactei mais profundamente com a poesia – nomeadamente Pessoa e Cesário – à medida que avancei

nos meus estudos e preparava a frequência universitária. Entre os meus 14 e os meus 21 anos, li muita poesia e romance. Baudelaire, Verlaine, T. S. Eliot, Pound, os espanhóis da «Geração de 27», alguns sul-americanos de língua espanhola, com Paz à cabeça, mas Vicente Huidobro também... Moravia, Eça, Machado, Mário de Andrade...

Devo a um grande professor de Português – o Dr. José de Almeida Moura – a memória de aulas de literatura absolutamente fascinantes. Ensaísta e pedagogo, profundo conhecedor da língua portuguesa – um latinista e gramático extremamente sério e exigente, discípulo de Salgado Júnior –, foi com esse professor que conheci Camões, os trovadores, a poesia portuguesa do Barroco e a do Neoclassicismo. Com ele, estudámos Bocage e os românticos, detivemo-nos na poesia de Antero, quer na expressão socialista, quer na aspiração budista que nela transparece. Pessoa, os modernistas e, já no fim do Ensino Secundário, poetas como Torga, Sophia, Eugénio, Drummond, tudo foi alvo de grande rigor metodológico. As aulas eram de interpretação muito aguda dos problemas ideológicos e poéticos, retóricos e filosóficos em torno de um período ou autor. Creio que esse magistério – a que acresce o convívio, já nos anos 90, na Universidade Nova, com professores como Abel Barros Baptista, Artur Anselmo, Rui Zink, Luís Kruz, António Candeias, Isabel Allegro de Magalhães, entre outros – não podia encaminhar-me senão para o ensino da língua e da literatura portuguesas. Mas, sublinho, foram as aulas do Professor José de Almeida Moura o que mais me animou no seguimento de um percurso dedicado à poesia, à literatura, às artes. Isto, julgo, para além de uma vocação inata que julgo possuir e, talvez, a tendência para, desde pequeno, ter certa existência de palco, algo que se relaciona com um certo fundo ficcional que não descarto da vida vivida, da vida real. A literatura, já alguém o disse, é a vida.

MA/RA: Enquanto poeta e crítico dessa contemporaneidade, como vê a nova geração de poetas de seu país? Qual seria o lugar da poesia nessa época tão conturbada, tão envolvida por questões como a globalização, a tecnologia da informação, a pressão mercadológica?

ACC: Pertencço a uma geração de poetas nascidos na década de 70. Não posso alhear da poesia que faço a experiência histórica dos meus contemporâneos. E a minha

própria experiência. Em certa medida, quando muitas das vozes mais recentes da poesia portuguesa estão dizendo deste tempo com pouca (ou, às vezes, nenhuma) diferença real, o que procuro é regressar a certa consciência formal da tradição poética e reactualizar, segundo uma visão do mundo que é fruto deste tempo, essas formas. Daí o meu interesse pelo soneto, pelo terceto, pelos metros decassilábicos e as desmontagem desses e outros metros.

Não há, na minha perspectiva, vozes poéticas que verdadeiramente se distingam umas das outras. Diferenças processuais, retóricas, ao nível da sintaxe e do tratamento da imagem, se quiser, isso é coisa que não encontro na maioria dos que publicam desde fins dos anos 90. Sinto que o que escrevo nada tem que ver com a poesia-prosa, a poesia do prosaico que entretanto se instalou. Há, sem dúvida, casos de forte originalidade. No feminino é uma evidência, creio. Tatiana Faia, Golgona Anghel, Ana Duarte (que só publicou uns quantos textos na revista *Criatura*) são vozes a ter em conta. Acrescentaria, porque muito me agrada a sua poesia, a obra de Luís Quintais, talvez o mais original dos poetas pós-1999, data que coincide com a morte de outro autor, Daniel Faria, que deixou uma obra incompleta, mas na qual é possível identificar zonas de forte imaginação verbal. Também Fernando Luís Sampaio, vindo dos anos 80, é um poeta que respeito e há o caso de Rosa Oliveira, que se estreou em 2013 com o seu primeiro livro, *Cinza*, a ter em conta... Escapam-me outros... Miguel-Manso, Paulo Tavares... João Silveira, Daniel Jonas, muito bom.

Mas, insisto neste ponto, há uma tendência (um crítico português muito conhecido dos jornais, num encontro recente sobre poesia, falou mesmo em «doutrina») que funciona como constelação dominante do gosto e que passa, em Portugal, por ser a única expressão poética possível. Assentaram arraiais em jornais de circulação como o *Expresso* e o *Público*, têm ao seu serviço um grupo de críticos que só a eles se referem. Não raro, encenando uma pose marginal, são também, para além de poetas, são críticos e têm editoras onde publicam os amigos da confraria. Praticam, em encontros de poesia, para os quais são convidados por certo jornalismo comprometido com essa estética «antipoética», uma política de terra queimada, deplorando quem não escreva e quem não incense determinados papas ou poetastros do momento... Se nada tenho contra publicar-se um amigo, escrever-se sobre alguém que, sendo nosso amigo, é também um

bom poeta, já não estou de acordo que – hipocritamente – se defendam e patrocinem sempre os mesmos autores. Há certa ditadura poética que, a reboque de uma poesia «de la experiencia», padronizou, formatou muita da poesia portuguesa escrita nos últimos dez a quinze ou mesmo vinte anos.

O lugar dessa poesia não é o lugar do poético. Talvez seja, mais propriamente, o lugar do político. Não defendo, nem como crítico, nem como poeta, uma poesia ornamental, de adorno puro e simples. Mas, na verdade, quando o discurso poético, numa investida contra certa inquirição da imagem e da metáfora, se torna pobre, muitas vezes literal, frequentemente preocupado e ocupado em esconjurar o real pelo lado mais directo e fácil da linguagem, então, essa é a poesia que espelha um tempo literal, unívoco, pouco dado a sobressaltos. Um tempo político. Numa época em que impera o mercado e suas leis, note-se bem que a poesia – certa poesia – aderiu a uma estética onde, sem se perceber a ironia de Baudelaire sobre a perda da auréola, tudo interessa, menos a poesia. Ora, a mim o que me parece é que na era da globalização e do mercadológico só um discurso poético desafiante pode fazer-nos pensar e perceber que fazer tábua rasa do passado – do passado literário, diga-se – é, na poesia, abrir as portas à consagração da banalidade.

MA/RA: Em seu livro *Linha de fogo*, de 2012, percebemos relações intertextuais que deixam nos seus versos o perfume de um Carlos Drummond de Andrade, de um João Cabral e até mesmo de uma vertente da música brasileira. Há, em uma das epígrafes, citação que nos remete à poeta mineira Adélia Prado e, num poema, intitulado “Acrilic on canvas”, encontramos um diálogo direto com a banda dos anos 80 – Legião Urbana. Gostaríamos que nos falasse sobre essa relação afetiva e intelectual com a cultura brasileira?

ACC: Desde pequeno que estou muito ligado ao Brasil. Tenho família morando no Rio desde os anos 50. Um tio meu, irmão mais velho de meu pai, que se chamava Raul Cortez, viveu em Niterói e lá tem sua família. Por outro lado, a música brasileira – com Elis Regina, Caetano e Chico Buarque, e mais tarde todo o pop-rock que vem de Mutantes e desagua nas experiências punk ou de inspiração da chamada música de Manchester (The Smiths) e que origina Legião Urbana, Capital Inicial, Plebe

Rude, sem esquecer outras tonalidades como Paralamas, Titãs, Engenheiros do Hawai, ou mesmo bandas como Cidade Negra – tudo isso me marcou muitíssimo.

Conheço muito bem Legião Urbana. Renato Russo é, primeiro que tudo, um letrista com fortíssima vocação poética. Foi professor de inglês, conhecia bem a poesia inglesa. E Cazusa não desmerece a condição de poeta. Tenho três irmãos mais velhos que me deram a conhecer muita música brasileira, desde sempre. Hoje sou eu quem faz isso. Dou-lhes a conhecer alguma música vossa... O'Rappa, por exemplo, conheci através de meu irmão. Mas dei-lhe a conhecer Cidade Negra. No caso, certa atmosfera feroz e ao mesmo tempo decadente que reconheço nas canções melódicas do Legião, com a sonoridade do Dado Villa-Lobos e a percussão de Bonfá, sempre me fizeram sentir um não sei-quê de nostálgica biografia... Isto é: ao ouvir Legião quase sinto como terá sido a época rude e ao mesmo tempo feliz que uma geração, jovem nos anos 80, atravessou, combatendo o fim de uma ditadura execrável e aberta às mais livres experiências do corpo e do espírito... Isso vem reflectido em poemas meus onde perpassa um «como teria sido se» tivesse 25, 30 anos em 1985 ou 1990... Não que tudo me agrade nessa época que é já de fim de festa, mas lembro-me de uma euforia qualquer, indefinível que a minha geração (a nossa, que temos hoje 36, 39, 42 anos...) já não viveu.

A minha relação com o Brasil tem ainda outra dimensão: a poesia do vosso país deu à língua portuguesa uma vitalidade e uma inigualável sageza e ductilidade. Um poema como «O Enterrado Vivo», de Drummond ou os poemas de João Cabral, mas ainda a poesia de «Poema Sujo» de Gullar... enfim... Na verdade, sinto-me um pouco brasileiro. Carioca sobretudo. Tenho, vivendo no Rio, uma grande amiga, curadora do Museu Arte Moderna, a Marta Mestre, que já me disse para vir para cá viver! E tenho amigos recentes. Ida Alves, o Maffei, o Sérgio Nazar David (grande poeta!)... Trata-se de uma relação umbilical. Não ponho nada de parte vir viver para o Rio de Janeiro ou para outro lado qualquer do Brasil. Gostaria de ser útil no vosso país. Não acredito numa literatura portuguesa que não seja investigada, promovida, acarinhada, divulgada sem o contributo fulcral da Universidade brasileira. O reverso é verdade também.

MA/RA: Além de poeta, você também é doutorando e professor de Português e de Literatura Portuguesa no Ensino Secundário. Em seus textos críticos, notamos certa

preocupação com uma pedagogia literária, com a formação crítica do leitor. Como diminuir o espaço que separa a Universidade e a sociedade civil? Como compreender a relação entre ensino e investigação acadêmica?

ACC: A consciência de que ensinar poesia (se ela se ensina, em todo o caso) é um trabalho de perscrutação, de inquirição da palavra nas suas inúmeras realizações, talvez me tenha dado a certeza de que um poema não é fruto de qualquer epifania, mas sim de atenção à língua. Sophia fala do poeta como «artesão de uma linguagem» e João Cabral fala do poeta como um fazedor. Pois bem, para mim essa procura de um rigor, de uma consciência artesanal da palavra é indissociável da prática educativa. Na sala de aula, interpretando textos, procuro que o texto se abra nas suas múltiplas possibilidades de sentido. A ambiguidade, a polissemia da linguagem poética é a principal via para que os alunos compreendam que estar no mundo é um acto de linguagem.

Tenho publicado, desde 2000, com alguma regularidade, inúmeros textos sobre pedagogia literária, nomeadamente empenhada, essa pedagogia, na leccionação do texto poético. Publiquei, em 2005, «Nos Passos da Poesia – A Pedagogia do Texto Lírico». É um pequeno contributo. Considero, tal como Jacinto do Prado Coelho, que, mais do que uma cultura de massas devemos ter uma cultura para as massas. Hoje, em Portugal, o ensino da língua portuguesa formatou-se a um ponto tal que, para a maioria dos alunos, aprender português é sinónimo de decorar regras gramaticais. Essa deriva linguística feriu de morte o ensino do texto literário. Raros são os professores de Português que querem, porque sabem, ensinar a literatura portuguesa. Não leem crítica e ensaio, nem poesia, não relacionam História, Filosofia, Artes... Uma enorme falta de curiosidade científica, na verdade.

Não admira, portanto, o divórcio entre estudantes e uma disciplina como esta, a qual poderia ser potenciadora da cidadania. A literatura educa, sensibiliza, actua ao nível das associações e inferências e exige uma prática científica de comentário escrito sobre o que é a literariedade do texto literário. Em Portugal – não sei se no Brasil também – insistiu-se na memorização gramatical, amestraram-se os alunos quanto a respostas-tipo. Chegam à Universidade sem saber ler um texto literário. Não falo de ler no sentido silábico. Falo de conseguirem inferir sentidos. Como ignoram o contexto

histórico-literário das épocas em que se produziram determinadas obras, não sabem como comentar... Dado que não escreveram sobre literatura, nem leram ensaio e crítica, também não estão educados na recepção estética de uma obra... Desde há quinze a vinte anos, toda e qualquer exigência no que respeita à produção de compreensão do chamado «texto complexo», caiu por terra. Há, inclusivamente, por parte de muitos professores, certo desprezo e incompreensão sobre o que pode a literatura.

Neste contexto, para defender um ensino crítico e consciente, pedir-se-ia que o docente fosse capaz de pensar por si e não ficar refém da burocracia que o Ministério da Educação impõe. Relatórios, reuniões sobre o sexo dos anjos, onde se discutem «estratégias pedagógicas», mas onde não há a menor preocupação pela formação humanística dos alunos, tudo isso resulta em que, cada vez mais, escola e Universidade estejam separadas entre si e simultaneamente separadas da sociedade civil. Neste eixo de relações, os pais nem sabem muitas vezes o que os filhos estudam no Secundário, nem para que serve um Curso Superior. O mesmo se diga dos alunos, maioria deles irresponsáveis e inconscientes quanto ao que deve ser um estudante universitário. Logo, a investigação académica, para que tenha algum significado prático, não deve ser, na minha óptica, a ocupação especializada acerca de minudências e literatices... Uma investigação, mesmo sobre poesia contemporânea, deve ter como finalidade a prática lectiva, isto é, o plano prático das aulas, as quais serão tanto melhores, quanto mais fundo o investigador/professor for capaz de, a partir de um poema, do estudo de um romance ou de problemas concernentes à literatura ou as artes, fazer os seus alunos pensar e agir em prol de uma cidadania plena.

Só quando a Universidade – e isto foi já dito, nos anos 40 por António José Saraiva – quiser compreender a sua função social de instituição que questiona o poder e interroga o passado e o presente e propõe futuros, se iniciará o processo de aproximação entre massas, sociedade civil e Universidade.

Minicurriculo

Marleide Anchieta de Lima tem doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF), com pesquisa sobre a obra do poeta e crítico português

Manuel Gusmão, a partir da relação entre poesia e outras artes. Concluiu, em 2010, o mestrado em Literatura Brasileira e Teorias da Literatura pela mesma universidade sobre a obra poética do brasileiro Afonso Henriques Neto. É professora de Língua Portuguesa e Literatura nos ensinos fundamental e médio. Vem publicando trabalhos em anais de congressos, colóquios e seminários, além de alguns ensaios para livros e artigos para revistas especializadas.

Rosimar Araújo tem doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense, com estudos sobre a obra literária do poeta curitibano Paulo Leminski. Tem artigos publicados em coletâneas e anais de eventos da área. É professora de Língua Portuguesa e Literatura da SEEDUC-RJ e tutora a distância da disciplina de Teoria da Literatura II, do curso de Letras da UFF, no âmbito Cederj.